



# AUGUSTIN BERQUE: UM TRAJETO PELA PAISAGEM

■ WERTHER HOLZER - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA/ UFF

## **RESUMO:**

APOIANDO-SE EM NUMEROSAS PUBLICAÇÕES DE AUGUSTIN BERQUE, ESTE TEXTO PROPÕE UMA INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM SOB UM ÂNGULO INOVADOR, INSPIRADA PELA CULTURA ORIENTAL. SOB ESTA INFLUÊNCIA BERQUE ELABOROU CONCEITOS COMO O DE PAISAGEM-MARCA E DE PAISAGEM-MATRIZ, A PARTIR DOS DIVERSOS NÍVEIS COSMOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA RELAÇÃO HOMEM/MEIO. FINALMENTE, NA IDÉIA DE UMA TRANSIÇÃO PAISAGÍSTICA NA SOCIEDADE OCIDENTAL QUE SE CONCLUI COMO UMA SOCIEDADE DE "PAISAGEMENTO", ONDE O SENTIDO DO MEIO, OU "MEDIÂNCIA", UNE AS IMPRESSÕES SUBJETIVAS E A EVOLUÇÃO OBJETIVA DO MEIO.

PROPONHO QUE A OBRA DE BERQUE TRANSITA POR UM CAMPO, DENOMINADO POR TUAN, DE GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA.

**PALAVRAS-CHAVE:** BERQUE, AUGUSTIN; PAISAGEM; GEOGRAFIA CULTURAL.

Augustin Berque, geógrafo orientalista, como ele mesmo se define. Filho de um estudioso do Islã, viveu sua adolescência no Marrocos e no Egito. Influenciado pelo pai, estudou ao mesmo tempo geografia e línguas orientais, mais especificamente o chinês, mas a Revolução Cultural maoista abortou seu plano de partir para a China. Eis então o jovem geógrafo rumando para o Japão. Sua relação com este país jamais se desfez, ele transita todo o tempo entre a França, onde é *Directeur d'études* na *Ecole Des Hautes Études En Sciences Sociales*, e o Japão, onde leciona *fûdoron* (estudo dos meios humanos) na Universidade de Miyagi (Chollet, 2001).

Depois de quase três décadas de reflexão sobre as relações entre as sociedades humanas e o ambiente,

é um dos expoentes franceses na discussão deste tema, onde se destaca a inovação e a criatividade na sua abordagem do conceito de "paisagem".

Para que se efetive uma análise de sua obra considero necessária uma rápida contextualização sobre uma das temáticas centrais de seu trabalho – a paisagem. Este conceito ressurgiria na geografia francesa durante a década de 1970. Para simplificar a questão é necessário mencionar apenas que neste momento a paisagem enquanto tema de estudos geográficos é retomada a partir de diversas concepções teóricas – entre as quais, a marxista, que propunha a análise da paisagem enquanto espetáculo; a de geógrafos influenciados pela geografia comportamental norte-americana, que tinham como

objeto uma Geografia das Representações, a de uma Geografia Cultural, que procurava valorizar na paisagem, aspectos do *mundo vivido*.

Uma concepção marxista/estruturalista pode ser localizada nas páginas do periódico *Hérodote*, dirigido por Yves Lacoste. De orientação "crítica", este periódico abriria suas páginas, já em seu primeiro número, para o tema (Ronai, 1976) e culminaria com um número especial dedicado exclusivamente à paisagem em 1977, além de uma revisão do tema feita em 1987. Sua preocupação era revelar as práticas culturais que instauram a paisagem a partir de três instâncias distintas do espaço: o espaço real, o conhecimento do espaço e espetáculo do espaço. Esta última relacionada com a paisagem, considerada como espetáculo do espaço e não fração do espaço (Ronai, 1976). Espetacularização que reforça a mercantilização da paisagem (Ronai, 1977; Lacoste, 1977).

Esta opção do estudo da paisagem apenas como espetáculo, com ênfase em seus elementos visuais, além de permitir uma análise interessante de sua crescente mercantilização ao longo do tempo, por outro lado coloca problemas referentes ao "ponto de vista" com seu jogo de espaços visíveis e mascarados, sua progressividade segundo o campo de visão (Giblin, 1978; Cohen, 1987).

Outro periódico que abriu suas páginas para o tema da paisagem foi *L'Espace Géographique*. Com uma linha editorial mais flexível, aceitava contribuições relativas a uma Geografia das Representações, que dialogava inicialmente com a Geografia Comportamental norte-americana – da qual os trabalhos de Bailly são um exemplo – e trabalhos explicitamente ligados à Geografia Cultural.

Entre os investigadores teóricos da paisagem enquanto geografia das representações, contribuição

importante foi dada por Bailly, Raffestin e Reymond (1980), segundo os quais a paisagem é um depósito de história, um produto da "prática" entre indivíduos e da realidade material com a qual nos confrontamos. Para se fazer uma "geografia da paisagem" seria preciso situar-se o nível perceptivo a ser abordado, constituído da experiência cognitiva da paisagem, a ser estudada a partir da intencionalidade, e de nossos constructos, já que o real objetivo não existe para além deles.

A questão por eles colocada é se podemos nos ater a estudar os objetos tais como eles são (positivismo), ou se devemos compreendê-los em suas forças não-observáveis, que são subjetivas (fenomenologia). Para os autores era necessário, então, "...propor uma metodologia que levando em conta a subjetividade pessoal esclareça os grupos de similitudes existenciais criadoras da paisagem" (Bailly, Raffestin e Reymond, 1980, 282). O que levava a uma definição provisória de paisagem: "Nossa paisagem é formada pelas relações entre duas e três dimensões (superfície e volume), entre os indivíduos e o ambiente (vivido e não-vivido), relações caracterizadas pelas propriedades geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas". (Bailly, Raffestin e Reymond, 1980, 285).

Empreitada semelhante motivava outro grupo, mais ligado às questões que motivavam a renovação da geografia cultural – entre eles Collot, que estudava a paisagem como o aspecto visível e perceptível do espaço (1986); e Berque, cuja obra é o tema central deste texto.

Certamente a estada de Berque no Japão, que o impregnou de vez com o orientalismo, levando-o "a descoberta do outro sob todos os ângulos..." (Chollet, 2001), gerou sua primeira hipótese de trabalho no se refere ao objeto de estudo da geografia cultural.

Segundo ele a geografia cultural seria "o estudo do *sentido* (unitário e Global) que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente." (Berque, 1984, 33).

O problema é que, sendo a manifestação concreta da relação entre espaço e natureza, a paisagem costuma ser objetivada analiticamente (análise positivista), onde é negligenciada sua existência em primeira instância, ou seja, sua existência enquanto uma relação coletiva (eu diria intersubjetiva) operada pela sociedade que a produz, reproduz e transforma.

Tendo estas questões como parâmetro de análise, o autor elaboraria conceitos que permitiriam essa objetivação: os de paisagem-marca (*paysage-empreinte*) e de paisagem-matriz (*paysage-matrice*). Sua definição para ambos é sucinta: "A paisagem é uma *marca*, porque exprime uma civilização, mas é também uma *matriz*, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – isto é, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno." (Berque, 1984, 33).

Como marca, a paisagem pode ser descrita como um dado perceptível que, no entanto, ultrapassa o campo do percebido, seja devido a uma abstração, seja devido às mudanças nas escalas espaciais e temporais (Berque, 1984).

Estas escalas temporais, detalhadas em artigo posterior (Berque, 1985), seriam irreduzíveis, correspondendo a cinco níveis da relação homem/meio: o nível cosmológico, que trata da estruturação geral do universo e onde a ordem humana é submetida a uma ordem mais geral; o nível filogênico, onde estão em jogo os dados biológicos e etológicos; o nível das sinestésias inconscientes,

que se refere ao inconsciente individual e coletivo, ao imaginário, à percepção da paisagem cotidiana; o nível da representação consciente, onde a consciência se remete parcialmente à questão do sentido do meio; o nível da interpretação racional, que se refere às mudanças de paradigma a partir da verificação experimental. Esses níveis proveriam o distanciamento em relação ao meio provocado pelas mudanças de escala e de tempo.

A questão, observa Berque, é que estes procedimentos costumam ter como conseqüência o distanciamento da paisagem enquanto dado sensível, abstraindo-se o sujeito que com ela se relaciona. A paisagem, então, deve ser analisada simultaneamente como matriz, pois participa dos esquemas culturais que relacionam espaço com natureza. Esta análise, insiste Berque, deve ser feita a partir do *sujeito coletivo* (a sociedade), pois não é suficiente a análise a partir dos indivíduos, cabendo à geografia cultural a descrição da terra por determinada sociedade (Berque, 1984).

Philippe Pelletier (1987) investigou empiricamente estes conceitos, analisando a modificação da paisagem japonesa com o advento da industrialização. Nesta investigação apropria-se dos conceitos de paisagem elaborados por Berque definindo paisagem-marca ou paisagem-produto como o resultado da intervenção humana no ambiente (associada ao protótipo); e a paisagem-matriz ou paisagem-substância como a herança desta paisagem, seu produto nas mentes e nas estruturas espaciais (associada ao arquétipo). O autor concluiu que a imagem e a percepção das paisagens, presentes no inconsciente coletivo, têm um papel importante na formação de novos assentamentos. No entanto, a mudança nas condições econômicas desestrutura pouco a pouco os antigos sentidos da territorialidade (Pelletier, 1987, 92).

Não foram, no entanto, os conceitos de paisagem-marca e de paisagem-matriz que perpassaram para outros trabalhos em que Berque se dedicava a temática da paisagem. O autor desenvolveu uma hipótese que foi sendo cada vez mais elaborada em seus trabalhos ao longo da década: a de que a paisagem é um terceiro termo mediador entre o homem e o meio. A paisagem, nos diz ele, "... não é somente um "dado" que será a forma objetiva do meio. Ela não é somente uma projeção que será a visão subjetiva do observador. A paisagem é um aspecto do produto fundamental que institui o sujeito enquanto tal, em seu meio enquanto tal." (Berque, 1985, 100).

Neste texto, intitulado, "Milieu, Trajet de Paysage et Déterminisme Géographique", resultado de um debate organizado pelo periódico *L'Espace Géographique* sobre o "determinismo", Berque apenas no resumo inicial mencionaria a idéia da natureza trajetiva (*trajective*) do meio. Como ele mesmo definiu, as diversas escalas temporais (às quais já me referi anteriormente), "... coexistem metaforicamente em toda a realidade, na relação que institui reciprocamente um sujeito e seu ambiente (*environnement*), e onde a paisagem é a manifestação sensível de uma determinada escala do espaço. Esta relação estabelece uma unidade entre sujeito e objeto, unidade onde a realidade não pode ser pensada nem como objeto nem como sujeito, mas como *trajeto* perpétuo entre os dois termos, trajeto implicando ao mesmo tempo uma causalidade seqüencial (objetiva) e uma qualidade projetiva (metafórica)." (Berque, 1985, 99-100).

Este trajeto é necessariamente diferente para as diversas culturas. Um colóquio realizado no Japão, em 1987, intitulado *Kokoro no posuto-modân* (Pós-

modernismo e sensibilidade), leva o autor a refletir sobre essas trajetórias. Assim, na Europa a noção de paisagem aparece com a modernidade (a perspectiva, o empirismo, o cartesianismo), que leva "... a abstração de um sujeito fora do meio, [que] progressivamente reduziu-o a um ambiente objetivável e manipulável"; enquanto que na Ásia Oriental o conceito "correspondente" de *shanshui* é muito mais antigo, significando "... ao mesmo tempo 'os montes e as águas' e o quadro que o representa – [o que] implica, ..., uma fusão cósmica do homem e do universo." (Berque, 1989, 19).

Daí a hipótese de que a trajetória da paisagem na Europa estaria ligada a crises e transformações que a conceito passou ao longo dos séculos: "Estamos próximos de assistir ao fim da ...*transição paisagística* [transition paysagère]. Antes da transição estávamos em uma 'sociedade do país' [société à pays]: com pouca objetivação do meio. A transição surge com a emergência do sujeito fora do meio, corelativo à aparição do termo *paisagem*. Ela produziu tais transformações no ambiente (o antigo meio) que os esquemas estéticos da percepção ficaram defasados. A paisagem entra em crise: o ambiente parece feio ou incompreensível. A sociedade ... toma agora massivamente consciência da paisagem. O terreno é fértil para que se desenvolva em todos os níveis uma retomada ativa da estética do território: um planejamento paisagístico [aménagement paysager]. A transição paisagística termina: entramos em uma 'sociedade com paisagem' [paysagement], consciente (em 2º grau) de seu próprio olhar, como a 'sociedade com paisagem' era (em 1º grau) consciente do seu olhar (o ambiente)." (Berque, 1989, 19-20).

Neste pequeno artigo Berque define o "sentido do meio" (*sens du milieu*) ou "mediância" (*médiance*), como o que é ao mesmo tempo físico e fenomenal,

ecológico e simbólico, uma interação de significações simbólicas, impressões subjetivas e da tendência de evolução objetiva do meio. Idéia diretriz do livro que seria publicado no ano seguinte, intitulado *Médiance de Milieux en Paysages*, onde as idéias, até então esboçadas em um ou outro artigo, seriam plenamente desenvolvidas.

Berque declara que o objetivo de seu livro é estudar a relação das sociedades com o espaço e a natureza (meio). Sua meta final: questionar as intenções e ações que acabam por gerar paisagens desprovidas de sentido e com os comportamentos insanos do ponto de vista ecológico (Berque, 1990, 8). Sua intenção: fazer uma abordagem que contemple simultaneamente o ponto de vista físico (factual), do qual Galileu é o paradigma, e o ponto de vista fenomenológico (sensível), do qual Husserl é o paradigma.

Este ponto de vista é defendido pelo autor: "Para compreender e planejar nossos meios sem colocar em risco uma ou outra expressão de sua dupla natureza de ambiente efetivo e de paisagem aparente, ou seja, sem degradar seu sentido, nós devemos administrá-los como são, justamente, ambivalentes, irredutíveis a alternativas do físico e do fenomenal." (Berque, 1990, 9-10).

A alternativa oferecida é de uma análise "do ponto de vista da mediância" (*point de vue de la médiance*), de esboçar as grandes questões da mesologia (*mésologie*): "a ciência dos meios naturais e das paisagens que superará a alternativa moderna do físico e do fenomenal." (Berque, 1990, 8). Deste texto extrairei algumas passagens que considero contribuições fundamentais para o estudo das paisagens neste início de século.

Mediância (*médiance*), nos explica o autor, provem do neologismo japonês *fūdosei*, criado pelo filósofo

Watsuji Tetsurô, que o definia (de um modo heideggeriano, segundo Berque), como "o momento estrutural da existência humana". Neologismo que deriva de *fûdo* – conjunto de características físicas e sociais de determinada região.

Mediância é então definida como: "sentido de um meio; ao mesmo tempo tendência objetiva, sensação/percepção e significação desta relação medial [*médial* = relativo ao meio]" (Berque, 1990, 48). O neologismo criado por Berque pretende superar a imprecisão do termo "meio", e a conotação apenas objetiva do termo "ecologia" (Berque, 1990, 28-34).

A partir de então, diversas questões com as quais o autor trabalhara nos últimos anos vão ser enfocadas, como já disse, a partir do ponto de vista da mediância. Deste modo a mediância deve ser capaz de permitir a formulação de um princípio que dê conta, simultaneamente, "... das transformações subjetivas ou fenomenais (as metáforas), e das transformações objetivas ou físicas (os metabolismos, os ciclos ecológicas etc.), que concorrem para dar ao meio um sentido unitário." (Berque, 1990, 37). Haveria uma interação recíproca da realidade sensível e da realidade factual.

O "meio", que já vimos, é definido como a relação de uma sociedade com o espaço e a natureza, sinônimo de "relação medial" (*relation médiale*) ou mesológica. Segundo a mediância, que considera as realidades sensível e factual, "O meio ... ignora as substâncias intrínsecas e as identidades próprias; ele só conhece os fluxos de relações, que ligam indissociavelmente os sujeitos aos objetos, e vice-versa." (Berque, 1990, 40).

Estes fluxos, observa Berque, supõe trajetos materiais e metafóricos que não podem ser dissociados. A distinção teórica entre subjetivo e

objetivo ele denomina de "trajetivas" (*trajectifs*), o processo em questão a "trajeção" (*trajection*). A trajeção definida como: "combinação medial e histórica do subjetivo e do objetivo, do físico e do fenomenal, do ecológico e do simbólico, produzindo uma mediância." (Berque, 1990, 48).

Cabe à trajeção, enquanto processo mesológico, integrar escalas de tempo heterogêneas, escalas as quais já me referi, conferindo-as um sentido unitário, ou seja, uma mediância. "Esta integração compreende os aspectos físicos... e os aspectos fenomenais, uns e outros em perpétua correspondência e se entredeterminando de maneira ao mesmo tempo simbólica e ecológica." (Berque, 1990, 43).

A trajeção pode ser apreendida a partir das marcas e matrizes. "As matrizes fenomenológicas (os esquemas de percepção e de interpretação do meio) não cessam assim de engendrar as marcas físicas (os modos de agenciamento do meio), que, por seu turno, influenciam as matrizes, e assim por diante." (Berque, 1990, 44).

O ambiente (*environnement*) e a paisagem aparecem então, respectivamente, como a dimensão física e factual do meio e a dimensão sensível e simbólica do meio. A paisagem é a expressão de uma mediância (Berque, 1990, 48).

Existe, reconhece o autor, um paradoxo na idéia de mediância que opera sobre dois mundos considerados irredutíveis. Esse conceito exige a superação entre natureza e sujeito, ou seja, exige que se objetive o sujeito e subjetive o objeto (Berque, 1990, 87). Berque acredita que esta empreitada não se trata de demanda teórica, "trata-se de rearticular o que a modernidade desarticulou: a ciência, a vida e a moral." (Berque, 1990, 88). O que exige considerações sobre a história das noções de meio e

paisagem. O conteúdo da análise de Berque sobre a paisagem desenvolve-se a partir da temática que havia desenvolvido em seu artigo, já citado, de 1989, ou seja, na Europa este conceito transita entre uma sociedade do país e uma sociedade do "paisagemamento".

Em diversos trabalhos, Berque (1989, 1990, 1994 b) observa a existência de sociedades que não possuem paisagem, apenas ambiente: seriam as "sociedades com país" (*société à pays*), com pouca objetivação do meio; e de duas civilizações que possuem paisagem à chinesa, que nunca a tomou como uma morfologia do ambiente, associando-a sempre à relação entre homem e natureza, e a paisagem à européia, onde se procura representar um ambiente como objeto substancial e não como relação com o sujeito. Seu ponto focal de análise: "... as sociedades interpretam seu ambiente em função do que elas fazem, e, reciprocamente, elas o planejam a partir da interpretação que lhe dão" (Berque, 1984 b, 17).

Sua vivência no Japão serviu para alertá-lo que o conceito de paisagem não depende de um referencial estético, mais do que isso que "... as feras, os selvagens e os camponeses não sabem o que é a natureza, e não tem nenhum senso da paisagem." (Berque, 1994b, 14). Segundo o autor nossas evidências são tipificadas culturalmente e datadas historicamente, este é o caso da paisagem, noção que não existe para todos.

Existiriam civilizações sem paisagem (*civilisations non paysagères*), "... as civilizações onde não se sabe o que é paisagem: nada de palavras para nomeá-la, nada de imagens que a represente, nada de práticas provando que ela seja apreciada..." (Berque, 1994b, 15). Para Berque precisamos ter consciência, nós que pertencemos a uma civilização paisagística (*paysagère*), que existem culturas e civilizações que

têm consciência de seu ambiente segundo parâmetros que são irredutíveis à paisagem.

Toda civilização teria, no entanto, critérios de apropriação do ambiente. Um substrato comum a toda a humanidade que é elaborado por cada cultura segundo sua sensibilidade, seus conceitos e categorias. Este denominador comum seria a "proto-paisagem" (*proto-paysage*).

Em outro patamar estaria o que Berque denomina de "paisagem à chinesa". O que a diferencia da européia é que ela não está desvinculada da religião e da moral, tendo surgido antes da pintura – ela se manifesta primeiro nas palavras e na literatura. "A noção de *shanshui* tem uma longa história, carregada de valores morais. ..., a paisagem é sempre mais do que o aspecto externo do ambiente... o pintor deve saber ir além da forma exterior, para encontrar a essência da paisagem." (Berque, 1994 b, 19). Esta paisagem à chinesa não trata nunca da morfologia do ambiente, associando sempre o homem à natureza.

A "paisagem à européia", por outro lado, difere radicalmente da chinesa, pois surge na pintura quando esta descobre a perspectiva linear. A perspectiva é a forma simbólica da emergência do sujeito moderno, correlativa à emergência do mundo moderno, objetivado pelo olhar do sujeito. A civilização ocidental moderna é fisicista (*physicienne*). A modernidade se remete a uma dupla expressão, fisicista (*physicienne*) e paisagista (*paysagère*), encadeando uma série de dissociações que tendem a decompor o mundo. "Na verdade, esta foi uma *utopia* que pretendia substituir a unidade real do mundo ambiente [*monde ambiant*]." (Berque, 1984 b, 25).

Surge uma definição mais elaborada: "... a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois termos. Esta relação que coloca em jogo

diversas escalas de tempo e de espaço, implica tanto a instituição mental da realidade quanto a constituição material das coisas" (Berque 1994 a, 5).

Em trabalhos mais recentes Berque aprofunda-se mais nesta questão das diferentes "paisagens", relativizando-a. Como a paisagem não é um objeto universal, e como ela excede o visível, os que a estudam devem distinguir entre duas atitudes possíveis: a das ciências naturais, que estudam a paisagem como morfologia do ambiente (o que, de certo modo, se aplicaria à geografia humana); uma que necessita estudar o sentido que as sociedades humanas dão ao seu ambiente, o que implica interpretar este sentido, ou seja, trata-se de um problema de hermenêutica. "O caso da paisagem, que compreende virtualmente todas as coisas da existência, implica numerosos sistemas simbólicos. Torna-se necessário analisá-los pra sondar o sentido do referente." (Berque, 2001).

Ele insiste em que não existem ou não existiram, em numerosas visões de mundo, o equivalente a paisagem. Isto porque apesar de toda a percepção humana estar atrelada aos dados biofísicos do ambiente, eles são interpretados a partir de sistemas simbólicos que influenciam nossa percepção. Torna-se, portanto, necessário estabelecer critérios para que se afirme que determinada cultura possui o conceito de paisagem. Critérios que foram estabelecidos pelo autor em *Médiance de Milieux en Paysages* (1990): 1. A existência de tratados sobre a paisagem; 2. A existência de palavras para denominar paisagem; 3. A existência de representações picturais da paisagem; 4. a existência de jardins; 5. a existência de apreciações literárias do ambiente.

Mais uma vez sofisticada-se a definição de paisagem: "... ao mesmo tempo substância (um objeto) e, sobre essa base, a abertura de um mundo (um predicado)

pela obra humana. Quer dizer que, para estudar a paisagem em particular, ou o ecúmeno em geral (a relação da humanidade com a extensão terrestre) nós devemos ultrapassar a redução moderna da realidade ao real. ... *A fortiori* quando se trata de nosso mundo na escala sensível: a realidade supõe o real, mas também sua predicação pela existência humana. A paisagem ilustra exemplarmente esta relação cosmogênica." (Berque, 2001).

Eis que surge agora o "ecúmeno" (*écoumène*) na obra de Berque – a relação de um grupo humano com a extensão terrestre, como definido acima. O que caracteriza esta relação? Uma "... impregnação recíproca do lugar e do que se se descobre: no ecúmeno, o lugar e a coisa participam um do outro. ..." (Berque, 2000). Estas questões, porém, são assunto para outro texto.

A contribuição de Berque para a valorização do estudo da paisagem pela geografia é incontestável. Sua obra transita por um campo que Tuan denominava de *cultural-humanistic geography*, onde se valoriza uma ciência geográfica centrada na intersubjetividade. Para nós estudiosos da geografia brasileira os trabalhos de Berque ensejam um rol imenso de questões. Vou me deter em três que me inquietam e me instigam: Seriam os povos indígenas uma destas civilizações da proto-paisagem? No Brasil, uma construção portuguesa moderna, como implantou-se este conceito de paisagem? Em contrapartida, como o nosso meio, ou nosso ambiente, influenciou na construção do conceito moderno de paisagem na Europa?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLY, Antoine; RAFFESTIN, Claude; REYMOND, Henri. "Les concepts du paysage: problématique et représentations". *L'Espace Géographique*. 9 (4) : 277-280, 1980.

BERQUE, Augustin. "Paysages d'une autre civilité. Notes sur l'imaginaire géographique des Japonais". In: *Le Temps de la Réflexion*. 1983. pp. 91-100.

———. "Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle". *L'Espace Géographique*. 8 (1) : 33-34, 1984. ("Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural". In: Corrêa, R. Lobato e Rozendahl, Z. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.).

———. "Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique". *L'Espace Géographique*. 9 (2) : 99-104, 1985.

———. "La transition paysagère ou sociétés à pays, à paysage, à shanshui, à paysagement". *L'Espace Géographique*. 13 (1) : 18-20, 1989.

———. *Médiance de Milieux en Paysages*. Montpellier, Cip Reclus, 1990.

———. Introduction. In: Berque, A. (ed.). *Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage*. Seyssel, Champ Vallon, 1994a, pp. 5-10.

———. "Paysage, milieu, histoire". In: Berque, A. (ed.). *Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage*. Seyssel, Champ Vallon, 1994 b, pp. 13-30.

———. *Écoumène et Médiance*. Paris, Éditions Belin, 2000.

———. "Le principe de Zong Bing – paysage et dépassement de la modernité". *Actes du Colloque "Les visions du paysage"*. Liège, Centre culturel "Les Chiroux", 2001.

CHOLLET, Mona. "L'existence humaine dans as plénitude" (entretien avec Augustin Berque). *Périphéries*, 2001.

COHEN, Sylvie. "Points de vue sur les paysages". *Hérodote*. 44 : 38-44, 1987.

COLLOT, Michel. "Points de vue sur la perception des paysages". *L'Espace Géographique*. 15 (3) : 211-217, 1986

GIBLIN, Béatrice. "Le paysage, le terrain et les géographes". *Hérodote*. 9 : 74-89, 1978.

LACOSTE, Yves. "A qoui sert le paysage? Qu'est-ce un beau paysage?". *Hérodote*. 7 : 3-41, 1977.

PELLETIER, Philippe. "Proptotypes et archétypes paysagers au Japon: l'exemple du bassin de Nara". *L'Espace Géographique*. 11 (2) : 81-93, 1987.

RONAI, Maurice. "Paysages". *Hérodote*. 1 : 125-159, 1976.

———. "Paysages II". *Hérodote*. 7 : 71-91, 1977

## **RÉSUMÉ**

EM S'APPUYANT SUR DE NOMBREUSES PUBLICATIONS D'AUGUSTIN BERQUE, CE TEXTE PROPOSE UNE INTERPRÉTATION DE LA PAYSAGE SOUS UN ANGLE INNOVATEUR, INSPIRÉ POUR LA CULTURE ORIENTAL. SOUS CETTE INFLUENCE, BERQUE A ÉLABORÉ DES CONCEPTS COMME LA PAYSAGE-EMPREINTE ET LA PAYSAGE-MATRICE, APRÈS DE DIVERS NIVEAUX COSMOLOGIQUES ENTOURANT LA LIASION HOMME/MILIEU. BREF, L'IDÉE D'UNE TRANSITION PAYSAGÈRE DANS LA SOCIÉTÉ OCCIDENTAL QUI S'ACHEVE EN SOCIÉTÉ AVEC PAYSAGEMENT, OÙ LE SENS DU MILIEU, OU MÉDIANCE, ASSEMBLE L'IMPRESSION SUBJECTIVE ET L'ÉVOLUTION OBJECTIVE DU MILIEU.

IL EST PROPOSÉ QUE L'ŒUVRE DE BERQUE TRANSIST POUR UNE CHAMP DENOMINÉE, POUR TUAN, DE GÉOGRAPHIE CULTURALE-HUMANISTE.

**MOTS CLÉS:** BERQUE, AUGUSTIN; PAYSAGE; GÉOGRAPHIE CULTURALE.